

O PODER DE DESENVOLVER A AUTONOMIA INTELECTUAL POR MEIO DA ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDIOSOS BEZERRA (2017) E PERCIVAL (2005)

Mayris da Paz Lima ¹
Fernanda Ferreira Cardoso²
Renata Ferreira Almeida³
Ciro Bezerra ⁴

RESUMO

O presente trabalho propõe como objeto de estudo a escrita. Nossa pretensão é tão somente lançar luz sobre certo tipo de recepção desses conceitos, especialmente no que diz respeito à escrita, nosso objeto de pesquisa. Portanto, iniciaremos nosso trabalho problematizando a escrita como “atividade humana sensível”, “exercício espiritual”, “trabalho de si, em si e por si” comprometido com “a autonomia intelectual, o desenvolvimento da autoria e a formação humana”. Além de ser uma técnica, que os estoicos compreendiam como técnica de si, a escrita é ambivalente: é, simultaneamente, uma forma de cuidado de si e instituidora de um modo de vida. Além disso, este trabalho apresenta contribuições de Ciro Bezerra (2017) e Luiz Percival (2005) a respeito do tema proposto. Ademais, discutiremos a “leitura imanente”, uma proposta para além de uma abordagem meramente teórica e abstrata, que visa contribuir para a formação humana de forma concreta com a mediação da escrita. É um método de estudo e pesquisa.

Palavras-chave: Escrita, Leitura Imanente, Atividade humana.

INTRODUÇÃO

A apropriação da comunicação simbólica por meio do trabalho pedagógico no âmbito da Língua Portuguesa é realizada, tradicionalmente, considerando-se um volume considerável de regras, variáveis e exceções. A socialização dos conteúdos pertinentes à Língua Portuguesa obedece, deste modo, à “fragmentação” de diversos assuntos gramaticais desconexos entre si. Pior: dissociados da realidade em que os atores pedagógicos vivem e se comunicam sobre essas vivências.

É que não se concebe a Língua (e muitas vezes as Ciências das Letras, Literatura e Linguística) como um complexo social de comunicação do mundo, de significação do mundo, de expressão do mundo, de representação do mundo, por meio de palavras/categorias que na

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, mayris_paz@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, fernandaferreiracardosffc@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, reepeu@gmail.com;

⁴ Professor Doutor de Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, ciro.ufal@gmail.com.

morfologia são chamadas de verbos, pronomes e interjeições, etc. E que, por sua vez, as categorias e complexos categoriais das línguas: verbos, pronomes e advérbios estão referenciados no mundo humano. Nas escolas e universidades brasileiras a Língua Portuguesa é ensinada como uma grande abstração, dissociada do mundo humano geohistórico. Como se os verbos, pronomes e advérbios não tivessem nada a ver com a vida humana, nem com a forma de ele falar, se comunicar e interagir. E isto parece ser o problema. O que os professores de Língua Portuguesa deixam de ensinar é que a Natureza possui uma Língua que é representada nas ciências, por exemplo, na Biologia e na Química; que a Matéria possui uma Língua que é representada na Física; que a Matemática é uma Língua dos números, que quantifica tudo que existe no mundo; que a História e as Ciências do Homem é a Língua da humanidade das pessoas. São a estes quase que completamente abstratos. Esta realidade é um grande obstáculo para a promoção de escritores na escola.

É este obstáculo, conforme postula Bezerra (2017), que parece intransponível à formação de escritores: ‘quem sabe escrever sabe ler, mas nem sempre quem sabe ler sabe escrever’”.

Esse modo de se produzir, socializar e apropriar a escrita fragmentada sempre foi nítido nas aulas de Língua Portuguesa, porém após várias discussões na disciplina “Sociologia da Educação”, ofertada pela Universidade Federal de Alagoas, e ministrada pelo o professor Ciro Bezerra, ficou evidente o quanto necessitamos produzir, socializar e apropriar da escrita, mas estando esta articulada ao mundo, ao modo de vida das pessoas e saber que a escrita é um exercício espiritual que para ser realizada necessita mobilizar palavras/categorias, conceitos e ideias referenciadas na realidade humana. Que além disso, é necessário lápis, cadernos e livros, computador e internet; e quem escreve precisa estar bem alimentado, descansado, sem contar que existe outras necessidades para poder pensar. Portanto, a escrita não é uma atividade simples, mas uma atividade bastante complexa. Para se escrever é necessário ter aprendido a escrever, o que pressupõe o domínio de uma determinada Língua e suas regras básicas de funcionamento. A escrita possui, assim, uma dinâmica própria. Por isso a consideramos como um complexo social que se erige a partir do trabalho (atividade humana sensível) de escrever.

É no escrever que nos transformamos em intelectuais. Intelectual é aquele que aprendeu a pensar com as palavras/categorias/conceitos escrevendo. A escrita é uma atividade que desenvolve a maturidade e autonomia intelectual. O intelecto humano se desenvolve escrevendo, na escrita, durante a escrita. Nem antes, nem depois, mas durante, na atividade de escrever. E esta mobiliza todo o campo perceptivo do ser humano: mãos, olhos, ouvidos e

cérebro. Acelera a respiração; exige a concentração e acalma quem a pratica. É uma experiência racional e criativa que movimenta a faculdade da razão, mas também a ética e a estética.

Todas essas discussões despertaram-me para que nós pudéssemos ver o estudo da Língua Portuguesa como uma contribuição para a apropriação da comunicação simbólica, pelos sujeitos pedagógicos (professor e estudantes), um “exercício espiritual” relacionado à estética da existência e a ética das virtudes. Um trabalho vivido por homens e mulheres livres, que fortalece o governo de si.

Dessa forma, Bezerra (2017) contribui com sua teoria sociopedagógica para refletirmos sobre a formação de leitores pelo método da “leitura imanente”⁵, é realizada pela atividade de escrever, relativamente mais complexa que a leitura. Essas discussões despertou-me o gosto de se apropriar desses assuntos e a querer participar do grupo de estudo “Sociologia do trabalho pedagógico, currículo e formação humana. Vale ressaltar que este grupo não se ocupa apenas com formalidades, mas como um grupo que valoriza as relações afetivas, os laços de amizade e que incentiva ao grupo o gosto pela escrita e leitura.

Em um dos extratos de seu livro *Estudo & Virtude*, Bezerra (2017) propõe que a leitura de um trabalho acadêmico ou livro didático seja realizada escrevendo, registrando as unidades significativas e epistemológicas, porque apenas escrevendo é possível criar memória:

“a escrita [deve ser] realizada concomitantemente à leitura, escrevendo-se as unidades significativas dos textos escolares, contidos nos livros didáticos: categorias, conceitos das categorias, ideias vinculadas às categorias e o conjunto de palavras desconhecidas pelos leitores. Escrever lendo é a chave para ampliar a memória, o substrato da escrita. Digamos: memória dos conteúdos estudados. Por conseguinte, estudar é diferente de simplesmente ler. Exige um posicionamento crítico dos atores pedagógicos frente ao texto”. (Bezerra, 2017, p.88).

Para ler e escrever é necessário que primeiro os atores pedagógicos (estudantes e professores) se apropriem do espaço físico onde realizam estas atividades. Mas para além desse espaço, no estudo, lendo e escrevendo, os atores pedagógicos se apropriam do que compreendemos como espaço literário. Isto é, de todo um território constituído não apenas de letras, mas de relações socioliterárias, de recursos literários e dos conteúdos literários socializados por outros escritores. Existe, desta forma, uma cadeia ou rede literária que subjaz a arte de ler e escrever.

⁵ O método que propomos é apenas um método de estudo e pesquisa. Ele ajuda os atores pedagógicos fazerem, primando pela excelência, rigor e arte, revisão bibliográfica, revisão de literatura, estudo da arte, elaboração de planos aulas, socialização dos conhecimentos contidos em ementas das mais diversas disciplinas e dos mais diversos campos de conhecimento. (Bezerra, 2017)

Em nossas aulas o nosso professor suscitava que o que iria superar a barbárie (o analfabetismo e suas diferentes modalidades, por exemplo: o analfabetismo funcional precarizado e o analfabetismo profissional) e possibilitar que as pessoas conquistem a consciência de si e o lugar de si na sociedade civil desdobram-se, concretamente, na apropriação da comunicação simbólica, por meio do trabalho pedagógico na Língua Portuguesa, na Biologia, na Química, na História, na Filosofia, dentre outros campos de conhecimento. O método da leitura imanente transcende o formalismo de encontrar nas propostas das leituras os significados e sentidos das palavras classificadas como substantivos e adjetivos, preposições e advérbios, sufixos e prefixos, artigos e conjunções. Para além de todo o formalismo da Língua Portuguesa, a apropriação da comunicação simbólica é vida. Mesmo porque não há existência possível fora da linguagem, da capacidade e recursos de representar simbolicamente o mundo, por meio da forma de ser: a palavra-categoria. A formação do ser humano pressupõe a familiaridade com a língua, com sinais e símbolos, referenciados no mundo. É desta forma que o ser humano transforma-se em ser sociocultural.

Nesse sentido, o trabalho aqui proposto toma como objeto de estudo a escrita. Nossa pretensão é tão somente lançar luz sobre certo tipo de recepção desses conceitos, especialmente no que diz respeito à escrita, nosso objeto de pesquisa. Interessa-nos, portanto, problematizar a escrita como “atividade humana sensível”, “exercício espiritual”, “trabalho de si, em si e por si” comprometido com “a autonomia intelectual, o desenvolvimento da autoria e a formação humana”. Além de ser uma técnica, que os estoicos⁶ compreendiam como técnica de si, a escrita é ambivalente: é, simultaneamente, uma forma de cuidado de si e instituidora de um modo de vida.

Oliveira (2012) ao analisar as categorias escrita, autonomia e autoria, estabelece interlocuções com outras temáticas que colocam em evidência a importância de salutar da produção escrita, obviamente essencial no meio acadêmico. O processo de constituir-se como pesquisador implica no processo de se constituir como autor, em sentido amplo. Mais do que isso, pressupõe o inevitável processo de escrita – que ocupa especial preocupação entre autores

⁶ Estoicismo é um **movimento filosófico** que surgiu na Grécia Antiga e que preza a **fidelidade ao conhecimento, desprezando todos os tipos de sentimentos externos**, como a paixão, a luxúria e demais emoções. Este pensamento filosófico foi criado por Zenão de Cício, na cidade de Atenas, e defendia que todo o universo seria governado por uma lei natural divina e racional. Para o ser humano alcançar a verdadeira felicidade, deveria depender apenas de suas “virtudes” (ou seja, o conhecimento, de acordo com os ensinamentos de Sócrates), abdicando totalmente o “vício”, que é considerado pelos estoicos um mal absoluto. Para a filosofia estoica, a paixão é considerada sempre má, e as emoções um vício da alma, seja o ódio, o amor ou a piedade. Os sentimentos externos tornariam o homem um ser irracional e não imparcial. Um verdadeiro sábio, segundo o estoicismo, não deveria sofrer de emoções externas, pois estas influenciariam em suas decisões e em seus raciocínios.

das mais diversas áreas, dadas as dificuldades verificadas no processo de elaboração de um trabalho acadêmico (Bianchetti e Machado, 2002).

Desse modo, considerando esta complexidade literária: o formador deve compreender a multiplicidade dos processos cognitivos, que constituem a atividade que o leitor se engaja, para construir o sentido de um texto escrito (Kleiman, 1989, p. 55). Portanto, a construção do sentido do texto pelo leitor é realizada pela escrita. Estudar simplesmente lendo é uma tautologia. A superação desta é feita pela escrita.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa “A escrita como promotora da formação e autonomia intelectual e as contribuições dos estudiosos Bezerra (2017) e Percival (2005)”, tomo como objeto de estudo a escrita. Elegemos a escrita como algo importante e que deve ser vista além da função de se materializar em papéis e documentos, mas como uma ferramenta para a manutenção do pensamento.

Entendemos como manutenção do pensamento aqui como aquele ser que sabe organizar no papel suas ideias e que tem a capacidade demolir o poder da autoridade intelectual do autor-escritor, na medida em que o convertemos em interlocutor. É o que, do nosso ponto de vista, tende a contribuir com a elevação da autonomia intelectual.

Nesse sentido, para atingirmos nosso principal objetivo que é analisar como as abordagens teóricas dos estudiosos Percival (2005) e Bezerra (2017) reconhecem na escrita o poder de desenvolver a autonomia intelectual contaremos com um método de pesquisa. Desse modo, Gamboa (2012, p. 43) nos diz que “Toda investigação supõe um corpo teórico, e este deve ter um método que lhe seja apropriado.”

Assim, é de extrema importância conhecermos os métodos que auxiliam na elaboração do trabalho científico e termos ciência de suas proporções para não perpetuarmos e defendermos ideias de forma ingênua. Acerca disso, Severino (2000, p. 18), compreende Metodologia como:

(...) um instrumental extremamente útil e seguro para a gestação de uma postura amadurecida frente aos problemas científicos, políticos e filosóficos que nossa educação universitária enfrenta. [...] São instrumentos operacionais, sejam eles técnicos ou lógicos, mediante os quais os estudantes podem conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes ou na filosofia, o que, afinal, é o objetivo intrínseco do ensino e da aprendizagem universitária (Severino, 2000, p.18).

A partir disso, observando a discussão realizada anteriormente, entendeu-se que o método mais adequado para responder aos questionamentos levantados é o dialético, Para Platão a dialética era um método de ascensão ao Inteligível, método de dedução racional das ideias.

Para Platão a dialética era uma técnica de pesquisa que se aplicava mediante a colaboração de duas ou mais pessoas, procedendo por perguntas e respostas. O conhecimento deveria nascer desse encontro, da reflexão coletiva, da disputa e não do isolamento. Desse modo, o método dialético busca o conhecimento e o que essa pesquisa visa é a partir de textos já publicados para colaborar com esses estudos.

Usamos como técnica nesta pesquisa o estudo bibliográfico, por acessar e consultar documentos e teses para analisar como as abordagens teóricas dos estudiosos Percival (2005) e Bezerra (2017) reconhecem na escrita o poder de desenvolver a autonomia intelectual. A respeito disso, Gil (1999) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Apesar de praticamente todos os outros tipos de estudo exigirem trabalho dessa natureza, há pesquisas exclusivamente desenvolvidas por meio de fontes bibliográficas.

O instrumento utilizado foi o Método da Leitura Imanente, pois como já citei na minha justificativa, tive acesso a essa metodologia e o colocamos em prática inúmeras vezes durante o transcorrer dos meus estudos no curso de Pedagogia. É um instrumento que contribui para a revisão bibliográfica e que nos permite apropriar dos conceitos e ideias que venha a contribuir com a atualização do conhecimento. Por exemplo, para aumentar a compreensão do objeto:

1. Diálogo Crítico;
2. Mapa das unidades significativas;
3. Diário Etnográfico e
4. Interpretação Compreensiva.

Segundo Bezerra (2017) o objetivo dos dois primeiros momentos é desenvolver a memória e a capacidade de dialogar criticamente com o autor, o que exige transformar o escritor em interlocutor. Pressupomos que todo leitor é um escritor em potencial. É assim que forjamos a autoridade intelectual do leitor, encorajando-o a lutar pela conquista de equivaler-se literariamente ao autor que lê e/ou estuda. O objetivo crucial desses dois primeiros momentos da leitura imanente é aumentar efetivamente a destreza e capacidade de ler e escrever trabalhos acadêmicos e livros didáticos. No terceiro, o diário etnográfico, o objetivo é revelar aos escritores em potencial a consciência de si como estudioso e pesquisador.

O que nos alegra é que a escrita é reconhecida como primordial para desenvolvermos formação de si referenciada na formação humana. Bezerra (2017) postula que aprendemos a ler e a estudar escrevendo, criticamente, fazendo diálogo crítico com o autor, escrevendo, reescrevendo e registrando críticas, autocríticas e comentários, e não simplesmente lendo sem pensar e refletir no que se está lendo. É preciso, portanto, interrogar o autor e convertê-lo em interlocutor. Não é outro o sentido da crítica que se leva a cabo no “trabalho de si, em si, por si e para si”.

Outro momento do método é o diário etnográfico. Para o professor Bezerra (2017) nesse momento:

[...] registramos os efeitos que os trabalhos acadêmicos e livros didáticos provocam em nossos sentimentos e campo perceptivo, com suas diversas linguagens, materializadas em categorias, conceitos, ideias e um conjunto de palavras desconhecidas pelos atores pedagógicos. Os registros no momento diário etnográfico correspondem as externalidades nas ciências econômicas. Em certo sentido também correspondem aos atos falhos em Psicanálise: imagens repentinas; pensamentos dispersos, aparentemente desconexos e sem correlação direta com os conteúdos estudados; viagens mentais, ocasionais, em que o pensamento vaga espontaneamente sem o consentimento consciente dos atores pedagógicos; insights; intuições, entre outras manifestações. (BEZERRA, 2017, p.86).

O outro momento, considerado o quarto momento, é o da interpretação compreensiva:

No quarto momento, o da interpretação compreensiva, no exercício regular de interpretar a compreensão, desenvolvemos a capacidade da escrita sistemática, organizada em introdução, desenvolvimento e conclusão. Não podemos também descuidar da concisão, clareza, síntese, objetividade, entre outros critérios que garantem a boa qualidade da escrita literária e rigorosa, que também deve ser a meta de qualquer estudante universitário e secundarista. Todos esses cuidados tem o objetivo de aproximar esse texto de um artigo acadêmico, mesmo porque é a ele similar. Este momento também permite os atores pedagógicos avaliarem como eles trabalharam nos momentos anteriores. Se não conseguem fazer esse texto com facilidade, e que os agrada, é porque os outros momentos não foram feitos com o devido empenho. Portanto, está embutido neste momento a autoavaliação de si mesmo pelo próprio leitor. (BEZERRA, 2017, p.87).

É neste quarto momento em que somos desafiados a desenvolver a autonomia da escrita. Se ao chegarmos neste momento e não conseguirmos desenvolver a nossa escrita será necessário fazer outra leitura imanente, o que raramente ocorre.

DESENVOLVIMENTO

Para a fundamentação teórica deste trabalho, que encontra-se em andamento, usamos os autores Bezerra (2017), Percival (2005); Bathes (2004); Machado (1998) e Marques (1998).

Esses estudiosos trazem algumas contribuições a respeito de como a escrita pode contribuir para a autonomia intelectual e as contribuições dos estudiosos Bezerra e Percival.

Barthes faz algumas reflexões sobre a significação da escrita. Para ele a escrita não é absolutamente um instrumento de comunicação ou uma via por onde transita apenas uma intenção da linguagem; e isso é o que opõe a escrita à fala. Barthes postula que enquanto a escrita parece sempre simbólica, a fala nada mais é do que uma duração de signos vazios, uma desordem que escoar em eterno estado de suspensão, no qual apenas o movimento é significativo. A escrita, ao contrário,

[...] é uma linguagem endurecida que vive sobre si mesma e não tem absolutamente o encargo de confiar à sua própria duração numa sequência móvel de aproximações, mas de impor [...] pela sombra de seus signos, a imagem de uma palavra construída muito antes de ser inventada. (Barthes, 2004, p.262)

Machado elenca também considerações acerca da importância da escrita: “Se, de um lado, escrever exige pensar, de outro, escrever é um veículo para pensar” (Machado, 1998, p. 86). Ainda acrescenta que a dupla face da escrita permite evidenciar (ou convida a não negligenciar) o papel da produção escrita é como “meio” de trabalhar os pensamentos, e que esse trabalho, apesar de sempre inacabado, desperta no escritor a pretensão de plenitude e perfeição (...). Escrever, como postula Machado, não é só desenvolver pensamentos totalmente completos, mas é uma ação que fornece um meio para que esses pensamentos sejam trabalhados. (Ibidem, p. 82).

Marques (1998) argumenta que o [...] ato de escrever, ato inaugural de um pensar mais criativo e crítico, se faz fecundo na interlocução de saberes e, sobretudo, como ele se constitui em princípio da pesquisa enquanto busca do saber mais autônomo, mais disciplinado, unitário e coerente.

No interessante livro de Luiz Percival, intitulado “Letramento no Brasil” (2005), o escritor em um de seus capítulos, “A ordem da escrita”, define a escrita como uma tecnologia que, mais que a simples transposição para a forma gráfica, constitui documentos, matérias. Ainda Percival (2005) acrescenta que a escrita funciona como elemento organizador da atividade social, como instrumento de registro e documentação. Sua invenção resultou do desenvolvimento dos grupos humanos e, principalmente, da necessidade de fazer registros, de anotar coisas e de ampliar a capacidade de armazenar e de registrar informações importantes.

Percival (2005) postula que a sociedade contemporânea se organiza com base no sistema da escrita, existindo muitas áreas de atuação e de conhecimentos organizadas exclusivamente

com base nesse sistema. Mais ainda, acrescenta o autor: todos os cidadãos vivem nesta sociedade. Sua existência se manifesta não porque existem fisicamente, mas porque tem o reconhecimento escrito dessa existência. Mostra o quanto estamos impregnados de escrita, o quanto vivemos em um mundo regulado por papéis, normas e documentos e o quanto a sociedade letrada determina as condições de existência e as formas de viver de cada um.

Luiz Percival (2005) faz uma menção ao escritor e educador francês Jean Foucambert (1997), que também elege a escrita como algo importante e que deve ser encarada não apenas em função de seus papéis como meio de comunicação e expressão, mas também, e sobretudo, como instrumento de pensamento. Percival acrescenta ainda que:

Cultura escrita é, de todos os termos em consideração, o de significado mais amplo, implicando um modo de organização social cuja base é a escrita- algo que não se modificou em essência mesmo com o advento das novas tecnologias, até porque estas resultam do tipo de sociedade, de ciência e de produção que se constituíram em função da escrita (...) A cultura escrita implica valores, conhecimentos, modos de comportamento que não se limitam ao uso objetivo do escrito. (PERCIVAL, 2005, p.33)

Percival e outros autores insistem em afirmar a importância da escrita, principalmente do ponto de vista sociológico:

Um bom ensino deveria incluir necessariamente ensinar os estudantes como estudar, ou seja, como reter informações, como recuperar tais informações, como motivar a si mesmo, enfim, como regular os próprios processos psicológicos em direção a um dado objetivo, o que supõe, sem dúvida, algum grau de consciência sobre tais processos. Em suma, o estudante, quando apresenta maior grau de consciência (metacognição) sobre o modo como aborda determinada tarefa escolar, tem mais possibilidades de encontrar e experimentar novos modos de ação e, conseqüentemente, de autorregulação. Boa parte das atividades metacognitivas são feitas com apoio da escrita. (PERCIVAL, 2005, p. 102).

Como foi dito acima, Percival reafirma a importância da escrita, porém não descreve e nem detalha o quê e como devemos fazer para superar as nossas limitação e dificuldades em escrever, principalmente no âmbito acadêmico.

Luiz Percival (2005) ainda propõe dicas de como devemos ler os textos, nos organizarmos, planejarmos, revisarmos e corrigirmos.

Nesse sentido, a “leitura imanente” é uma proposta para além de uma abordagem meramente teórica e abstrata, mas visa contribuir para a formação humana de forma concreta com a mediação da escrita. O método proposto por Ciro Bezerra (2017) é um método de estudo e pesquisa. Segundo ele, ajuda os atores pedagógicos fazerem, primando pela excelência, rigor e arte, revisão bibliográfica, revisão de literatura, estudo da arte, elaboração de planos de aula,

socialização dos conhecimentos contidos em ementas das mais diversas disciplinas e dos mais diversos campos de conhecimento.

Para Bezerra (2017, p.83), esse método se propõe suprir a lacuna da inexistência de um recurso de revisão bibliográfica e colaborar com as diversas formas de analfabetismo: o analfabetismo funcional e o analfabetismo profissional. Esse instrumento tem como finalidade:

[...] transformar o leitor em escritor. E, nesta transformação, despertar as potencialidades literárias, artisticamente, por meio do trabalho com as mãos, nas atividades de estudar e pesquisar. Este objetivo nos exigiram reposicionar a forma geohistórica do trabalho intelectual na modernidade. Propor outra forma de estudar e pesquisar nas Ciências Humanas. Sobretudo quando observamos a realidade da educação escolar e universitária na contemporaneidade. Exigiu-nos negar os fundamentos tayloristas que dão suporte ao trabalho pedagógico, porque escola não é empresa, para esforçarmo-nos em viver e praticar o estudo como modo de vida e cuidado de si. (BEZERRA, 2017, p. 84)

O método da leitura imanente, proposto por Ciro Bezerra, é um modo concreto de trabalhar intelectualmente a escrita. É um método composto por quatro momentos, mas esses momentos podem somar de acordo com as nossas necessidades intelectuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse sentido, a “leitura imanente” é uma proposta para além de uma abordagem meramente teórica e abstrata, mas visa contribuir para a formação humana de forma concreta com a mediação da escrita. É um método de estudo e pesquisa. Segundo nossos estudos, ajuda os atores pedagógicos fazerem, primando pela excelência, rigor e arte, revisão bibliográfica, revisão de literatura, estudo da arte, elaboração de planos de aula, socialização dos conhecimentos contidos em ementas das mais diversas disciplinas e dos mais diversos campos de conhecimento.

Em outras palavras, esse método nos propõe suprir a lacuna da inexistência de um recurso de revisão bibliográfica e colaborar com as diversas formas de analfabetismo: o analfabetismo funcional e o analfabetismo profissional. Sendo assim, precisamos socializar métodos que contribuam para os estudantes fortalecerem o governo de si. E quanto mais cedo isso ocorrer nas escolas mais cedo os estudantes amadurecerão intelectualmente, pois somos desafiados a escrever a todo tempo, principalmente no âmbito acadêmico.

Assim, este trabalho tenta mostrar que quando se tem um método de estudo sistematizado, não que será mais fácil desenvolver a escrita, mas que desenvolve a autonomia da escrita. Um dos momentos da leitura imanente que pode contribuir significativamente para isso é a interpretação compreensiva, que retratada o nosso entendimento, tão o mais rica como um artigo, assim retrata Bezerra. Este momento é tido como riquíssimo, pois é o momento em que o escritor dialoga, conversa com o texto mediante registros, com os escritores de trabalhos acadêmicos, mas os submetemos a vários questionamentos e interrogações e, colocando-os diante um tribunal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o método que Bezerra propõe parte de um princípio educativo que nos orienta e nos desafia. Além disso, desenvolve em nós a capacidade de ler, registrar e escrever sistematicamente, concomitantemente, desenvolve em nós a capacidade de compreender e interpretar, pois exige a elaboração de um texto livre, escrito pelo leitor-pesquisador.

Assim, ao poucos, esse leitor deverá perceber a estética textual e a política dos trabalhos acadêmicos. Ser escritor e escrever com autonomia requer exercitar, requer prática, quanto mais treino mais aperfeiçoando a nossa escrita estaremos. Pois, quanto mais familiarizados com textos estivermos, mais possibilidades de diálogos teremos, tanto para contrapor, quanto para contribuirmos e respondermos ou encontrarmos as lacunas existentes em textos acadêmicos ou não.

Além disso, a interpretação compreensiva é um texto do leitor-pesquisador, pronto para ser lapidado e transformado em artigo ou até em livros. Desse modo, acreditamos que ter um aluno leitor-escritor é o sonho e objetivo de todos os professores, principalmente aqueles que se dedicam incansavelmente em uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online** 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/estoico>>. Acesso em: 24 de Mar 2019.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. Sao Paulo: Hucitec, 1996.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita / Novos Ensaios Críticos**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEZERRA, Ciro. **Estudo & Virtude: a formação de si no mundo com os outros e as contradições na educação brasileira**, Maceió: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado, 2017.

BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana M. N. (org) – *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC/ São Paulo: Cortez Editora, 2002.

BRITO, Luiz Percival Leme. **Letramento no Brasil**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2015.

GADOTTI, Moacir. “**A dialética: concepção e método**” in: **Concepção Dialética da Educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. Pp. 15-38.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2012, p. 25-46.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 54-69.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

LÖWY, Michael. **Método Dialético e Teoria Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 228 – 281.

MACHADO, A.R. & colaboradoras (2009). *Linguagem e educação – o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras.

MACHADO, A.R. (1998). *O diário de leituras*. São Paulo: Martins fontes (prefácio XV – XXV)

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21ª ed. São Paulo:Cortez, 2000.

SIDI, Pilar de Moraes.; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>>. E-ISSN: 1982-5587.